

M. TEIXEIRA-GOMES

OBRAS COMPLETAS

I



IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

A OBRA DE TEIXEIRA-GOMES AO LONGO DE UM SÉCULO

Como ver hoje Teixeira-Gomes?

No primeiro quartel do século xx, os seus livros escandalizaram. Era o sibarita que do seu retiro de Vila Nova de Portimão desafiava a nobreza tradicional, provinciana, e a burguesia da República, austera e novo-riquista, com os seus requintes de viajante culto, enredado nos meandros eróticos de Amesterdão, na volúpia parisiense, no mar de sensações estéticas e carícias femininas em que o seu Mediterrâneo se havia tornado. *Sabina Freire* e *Cartas sem Moral Nenhuma* foram, nesse período, os seus desafios supremos. No primeiro, sua única peça de teatro (farsa trágica), caustica os notáveis da monarquia e sobretudo a gente rica e egoísta do Algarve, que nos mostra como títeres, palhaços de salão solicitando as migalhas do Poder. Sabina, personagem nietzschiana, expõe a sua moral de lasciva predadora e, tentando envenenar a sogra, sacrifica o seu romântico marido, que tem alma de poeta.

Mas são *Inventário de Junho* e *Agosto Azul* os dois livros, heterogéneos e belíssimos, que melhor definem talvez o Teixeira-Gomes dessa época, memorialista, trotamundos ancorado temporariamente nesse ensolarado litoral algarvio onde vê a projecção da antiga Hélada (a do prazer inocente e dos eurítmicos quadros naturais), paraíso de tritões e sereias, de faunos que espreitam as ninfas e de fabulosas rochas douradas, de águas tão cerúleas como aquele céu do eterno Ve-

rão. Obras que são conjuntos de crônicas e cartas, de apontamentos paisagísticos perfeitos, de contarellos onde o desejo estua, esboços tão harmoniosos e irônicos que só poderia colorirlos uma arte tão visual e experiente como a sua, que, mergulhando no naturalismo e no decadentismo, recupera, ao mesmo tempo, as graças verbais de um Frei Manuel Bernardes, de um D. Francisco Manuel de Melo, e a elegância de Garrett, o domínio da língua de um Camilo Castelo Branco.

Era contemporâneo de Fialho de Almeida e seu admirador, amigo de Afonso Lopes Vieira e de António Patrício. E grande amor de música, colecionador de quadros e objectos raros e visitante das grandes pinacotecas da Europa.

O seu primeiro livro de ficção dessa mesma fase, *Gente Singular*, é um prodígio de graça vocabular, de capacidade descritiva, tão à vontade a revelar-nos os recessos eróticos de Amesterdão e o mistério das suas mulheres como a satirizar os podres e as vanglórias do Algarve abastado e suas pendurezas, ou o próprio clero, em sarabanda de um cómico delirante, que gira em torno do cónego Simas e suas manas no conto epónimo, a abrir o volume.

É já depois do interregno diplomático de Londres e da passagem de M. Teixeira-Gomes pela Presidência da República, de que se desempenhou com o brio e honradez que a História lhe reconhece, é só então que torna à sua existência de es-

teta ambulante e retoma o ofício das letras, em que a epistolografia assume grande relevo. Poucos escritores portugueses terão composto cartas tão longas, tão belas e recheadas de saber e bom gosto, onde ele fixa o que de mais singular e deslumbrante no seu dizer pelos olhos arrecada.

Caluniado, torpemente insultado pelos seus adversários e inimigos e pela direita ascendente que, após o golpe de 28 de Maio, se instalaria em Portugal no Poder, abrindo as portas a Salazar e à ideologia fascista, Teixeira-Gomes decidiu, embora com mágoa, não regressar a Portugal enquanto no País não fosse restabelecida a democracia. E só voltou morto, já depois da guerra de 1939-1945, quando o regime esboçava algumas (poucas) simulações liberais. Mesmo assim houve traulitada da polícia no cemitério de Portimão, com a PIDE atenta aos promotores da singela homenagem.

Foi no seu exílio de Bougie, na Argélia, que Teixeira-Gomes escreveu alguns dos seus textos mais significativos e originais, como *Novelas Eróticas* e *Maria Adelaide*, que haviam de desencadear perseguições censórias e lendas perversas.

Muitos leitores dos anos 30 terão, contudo, obtido esses livros, não faltou quem os lesse com lentes de aumentar ou, pelo menos, sem lúcida atenção. Até porque uma exegese crítica imparcial dessas obras dá-nos a ver certamente nelas a premência da exigência erótica, por vezes cruel, mas também

a honestidade na exposição dos sentimentos e das relações humanas e até um eu distanciado que mostra sem julgar, isto é, que relaciona as personagens com os seus condicionamentos culturais e que, ao fazer o retrato de uma sociedade, aponta todos os seus egoísmos.

Poderia falar-se de um Teixeira-Gomes imoralista-moralista, mesmo a propósito de *Maria Adelaide* e do aparente cinismo da personagem Ramiro d'Arge, que escreve no *eu*.

Quando, nos anos 60, essas obras são republicadas pela Portugália Editora, ainda a visão do público em geral não se alterou muito. Mas há então uma juventude rebelde que já leu não só Proust e Gide, mas Steinbeck, David Herbert Lawrence e Aldous Huxley, Malraux e Sartre e até Genet, e que redescobre Teixeira-Gomes com algum entusiasmo. É ainda um público reduzido, de quadros médios e estudantes.

A edição que eu dirigi nos anos 80 teve mais impacto, embora se reduzisse ainda, em grande parte, aos meios universitários e aparentados.

Vieram depois numerosas edições de bolso dos seus contos mais impressionantes, como *O Sítio da Mulher Morta*, onde o sensual e o trágico se aliam na prosa repousada e luminosa de Teixeira-Gomes.

É em *Bougie* que o autor de *Carnaval Literário* retoma todos os apontamentos antigos para, de memória, os ampliar e

ÍNDICE

A obra de Teixeira-Gomes ao longo de um século, <i>por</i> URBANO TAVARES RODRIGUES	9
--	---

INVENTÁRIO DE JUNHO

Prefácio da 5. ^a edição	19
[Preâmbulo]	25
AGRIPINA	33
MÚSICA A PORCOS	43
O MEU GRANDE AMIGO TOMÁS	69
VÁRIA:	
PERFUME DO PASSADO	83
FALA O MESTRE...	85
PAISAGEM SENTIMENTAL	87
CRÍTICA BOÉMIA	91
LÍNGUAS PEÇONHENTAS	93
SORTILÉGIO ADORÁVEL	95
ORGULHO DOS SENTIDOS	99
MURMURAÇÃO INOCENTE	103
VÊNUS MOMENTÂNEA	107
DE LONGE...	111
IMPERFEIÇÕES LAMENTÁVEIS	115
D. PLÁCIDO	119

JOÃO DE DEUS	155
DESENHOS E ANEDOTAS DE JOÃO DE DEUS	165
MONUMENTOS...	179
VENTO LEVANTE	187
NOTA (Este livro não tem utilidade no comércio...)	195

CARTAS SEM MORAL NENHUMA

Prefácio da 5. ^a edição	201
I	209
II	212
III	217
IV	223
V	229
VI	234
VII	245
VIII	254
IX	264
X	268
XI	280
XII	285
XIII	293
XIV	302
XV	312
XVI	324
XVII	345

AGOSTO AZUL

Prefácio da 4. ^a edição	355
[Carta de Março de 1901]	361
[Carta de Abril de 1901]	368
[Carta de Julho de 1901]	370
[Carta de Outubro de 1901]	378
COLÓNIA	385
AGOSTO AZUL	427

CARTAS AO MEU QUERIDO AMIGO O POETA JOÃO DE BARROS:

A LIBERDADE RECONQUISTADA	441
SOBRE A MORTE DO SHELLEY	447
SOBRE A PAISAGEM GREGA	455
UMA COPEJADA DE ATUM	462
SOBRE A «GRÉCIA, MUSA DO OCIDENTE»	471
UMA CENA GREGA	476